



Interface - Comunicação, Saúde, Educação

ISSN: 1414-3283

intface@fmb.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho
Brasil

Lefevre, Fernando; Lefevre, Ana Maria Cavalcanti

O sujeito coletivo que fala

Interface - Comunicação, Saúde, Educação, vol. 10, núm. 20, julio-diciembre, 2006, pp. 517-524

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180114101017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O sujeito coletivo que fala



Fernando Lefevre¹
Ana Maria Cavalcanti Lefevre²

³ A grande maioria das pesquisas qualitativas de opinião adota este modelo, visto como uma "opção natural", já que depoimentos são considerados, generalizadamente, como eventos essencialmente individuais que, então, só poderiam ser colocados na escala coletiva pela interposição do metadiscurso do pesquisador.

⁴ Já nas pesquisas de opinião de corte quantitativo, os depoimentos são simplesmente suprimidos (nos questionários com alternativas de resposta prefixadas) ou são equalizados pela via da categorização de respostas (nos questionários com perguntas abertas).

Introdução

O presente ensaio tem como objetivo refletir sobre as possibilidades oferecidas para expressar, empiricamente, a opinião ou o pensamento coletivo.

Considerando-se que a opinião coletiva, como fato empírico, ou é veiculada apenas indiretamente pelo meta discurso³ do pesquisador, ou por meio de alguma fórmula matemática perde sua forma imanentemente discursiva,⁴ propõe-se como alternativa expressiva o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

A proposta do Discurso do Sujeito Coletivo (Lefevre & Lefevre, 2003), associada ao software Qualiquantisoft (www.spi-net.com.br) com base, sobretudo, nos pressupostos da Teoria das Representações Sociais (Jodelet, 1989), elenca e articula uma série de operações sobre a matéria-prima de depoimentos coletados em pesquisas empíricas de opinião por meio de questões abertas, operações que redundam, ao final do processo, em depoimentos coletivos confeccionados com extratos de diferentes depoimentos individuais – cada um desses depoimentos coletivos veiculando uma determinada e distinta opinião ou posicionamento, sendo tais depoimentos redigidos na primeira pessoa do singular, com vistas a produzir, no receptor, o efeito de uma opinião coletiva, expressando-se, diretamente, como fato empírico, pela "boca" de um único sujeito de discurso.

A aplicação da técnica do DSC a um grande número de pesquisas empíricas no campo da saúde e também fora dele (banco de DSCs) tem demonstrado sua eficácia para o processamento e expressão das opiniões coletivas.

¹ Professor titular, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo (USP). <flefevre@usp.br>

² Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo. <ana@ipdsc.com.br>

¹ Faculdade de Saúde Pública da USP
Av. Dr. Arnaldo, 715
São Paulo - SP
Brasil - 01.246-904

A experiência acumulada com o uso da metodologia do DSC mostra um crescente aperfeiçoamento da técnica e de suas inúmeras aplicações. Assim, de um modo geral, os trabalhos mais recentes com o uso da metodologia apresentam-na em forma mais evoluída.

Nesse sentido, gostaríamos de destacar, a título de exemplo, no que toca a teses acadêmicas, as defendidas recentemente por Valverde (2006), sobre obesidade, por Medina (2005), sobre fórum na internet envolvendo violência urbana, e por Akiyama (2006), sobre intervenção fonoaudiológica na surdez.

No que diz respeito a trabalhos não-acadêmicos, vale citar o relativo à Pós-Graduação da Escola Nacional de Saúde Pública (Rivera, 2005), que representa importante aplicação da metodologia à avaliação institucional, e o de Lefèvre et al. (2005), que usando, entre outros recursos, o discurso de escolares pré-adolescentes, permite descrever, em detalhes, a representação subjetiva do cotidiano das relações entre pais e filhos, quando afetada pelo consumo de cigarros pelos pais.

Os impasses na expressão do pensamento coletivo

O desafio a que o DSC busca responder é o da auto-expressão do pensamento ou opinião coletiva, respeitando-se a dupla condição qualitativa e quantitativa destes como objeto.

Com efeito, considerando-se o quadro da pesquisa empírica, o pensamento, materialmente falando, isto é, como matéria significativa, é um discurso, e sendo esse discurso um resultado previamente desconhecido (pela pesquisa empírica) a ser obtido indutivamente, tal pensamento apresenta-se, indubitavelmente, como uma variável qualitativa, ou seja, como um produto a ser qualificado *a posteriori*, como *output*, pela pesquisa.

Mas sendo esse pensamento *coletivo*, configura-se também como uma variável quantitativa, na medida em que tem de expressar as opiniões compartilhadas por um quantitativo de indivíduos, que configuram a coletividade pesquisada.

Sendo assim, um dos desafios a ser superado para que o pensamento coletivo possa se auto-expressar por meio da pesquisa empírica, seria a constituição de um sujeito portador desse discurso coletivo.

Mas como expressar, verbalmente, esse sujeito coletivo como um sujeito-que-fala, diretamente, e não, como se faz habitualmente, como uma expressão matemática ou um “eles” sobre o qual a ciência (como “se”, ou sujeito impessoal) fala?

Ora, aparentemente tal sujeito coletivo não pode falar porque, se permanecermos positivisticamente atrelados às possibilidades oferecidas pela língua (a portuguesa e muitas outras), só disporemos de um modo precário para acessar, diretamente, o sujeito coletivo, que é o pronome “nós” da primeira pessoa do plural, não existindo a alternativa do “eu coletivo”.

Ora, um sujeito coletivo, como o entendemos no Discurso do Sujeito Coletivo, é muito mais do que um “nós”, que expressa apenas um tipo muito particular de sujeito coletivo que fala;⁵ e, também, *menos*, já que um único indivíduo também pode ser um sujeito coletivo.

Nas pesquisas de opinião tradicionais, o sujeito da opinião (aquele que fala: “*na minha opinião...*”; ou “*eu acho que...*”; ou “*eu acredito que...*”) é, quase sempre, um indivíduo ou, no máximo, um “nós”. Assim, um sujeito coletivo da opinião não encontraria formas diretas de se expressar e, “portanto”, passaria a não existir, ou, mais precisamente, a não ser visto como um falante, sendo apenas passível de ser indiretamente resgatado como um “eles” de quem se fala ou como um sujeito artificial não-lingüístico do tipo “*30% dos usuários do posto de saúde acham que...*”

Por outro lado, para o senso comum (e também para o pesquisador-senso-comum),

⁵ Aquele resultante de um acordo explícito de indivíduos, presente em frases do tipo: “nós, metalúrgicos, reunidos em assembléia, decidimos paralisar...”

o sujeito que fala a opinião, diretamente, é só o falante individual do “eu” ou falante limitadamente coletivo do “nós”, que são vistos como os únicos sujeitos naturais do discurso da opinião, uma vez que, para esse senso comum, um sujeito opinante está falando apenas quando há secreção lingüística (ou transcrição escrita desta secreção) de uma só “boca” (mesmo, no caso do “nós”, é apenas uma “boca” que fala).

Assim, posto que não há “boca” coletiva, uma coletividade opinante não poderia falar, diretamente, só poderia ser falada (pela “boca” meta lingüística) ou ser reconstituída não discursivamente, como, por exemplo, em “30% dos homens brasileiros acham que...”.

Por isso, acredita-se que não há, ou não existe, empiricamente, tal fala coletiva da opinião!

Ora, tal postura estreitamente positivista e “naturalista” precisa ser superada, o que não constitui tarefa fácil, admitindo-se que o tratamento científico e sistemático do objeto “opinião coletiva” vai requerer *construtos* metodológicos específicos que permitam que seja mantido o necessário vínculo com a realidade empírica, e que a opinião coletiva possa ser reconstituída artificialmente (já que não é possível, neste caso, não ser artificial) como um objeto qualitativo.

Além do mais, um sujeito “eu” ou “nós” é também um sujeito de opinião reconstituído, na medida em que se abandona a ilusão lingüística e psicológica de que a sede natural da opinião seja a consciência individual.

A proposta do DSC

O Discurso do Sujeito Coletivo é, por isso, uma proposta explícita de reconstituição de um ser ou entidade empírica coletiva, opinante na forma de um sujeito de discurso emitido na primeira pessoa do singular.

Por que essa opção?

Porque o social *falando* (estrutura estruturante) ou *falado* (estrutura estruturada) (Bourdieu, 1990) nos indivíduos, na primeira pessoa do singular, é o regime natural de funcionamento das opiniões ou representações sociais. De fato, as opiniões ou representações sociais são eficientes, funcionam, justamente, porque os indivíduos acreditam que suas opiniões são suas, ou seja, geradas em seus cérebros.

Por isso, o DSC, como esse sujeito de discurso aparentemente paradoxal, já que redigido na primeira pessoa do singular, mas reportando um pensamento coletivo, é, sociologicamente, possível.

Mas a coletividade, falando na primeira pessoa do singular, não apenas ilustra o regime regular de funcionamento das representações sociais como também é um recurso para viabilizar as próprias representações sociais como fatos coletivos atinentes a coletividades qualitativas (de discursos) e quantitativas (de indivíduos). De fato, ninguém duvida que indivíduos compartilhem a(s) mesma(s) idéia(s), mas quando tais indivíduos opinam, individualmente, veiculam apenas uma parte do conteúdo da idéia compartilhada.

Um sujeito coletivo, no DSC, vem se constituindo numa tentativa de reconstituir um sujeito coletivo que, enquanto pessoa coletiva, esteja, ao mesmo tempo, falando como se fosse indivíduo, isto é, como um sujeito de discurso “natural”, mas veiculando uma representação com conteúdo ampliado.

Dois exemplos de DSC

Primeiro exemplo

Apresenta-se, aqui, um Discurso do Sujeito Coletivo elaborado como exercício, pelos alunos (adolescentes entre 16 e vinte anos), durante curso de formação oferecido pela

Faculdade de Saúde Pública da USP, no contexto do **Projeto Bolsa Trabalho**: formação de pesquisadores juniores. Convênio PMSP/Secretaria do Trabalho/Unesco/Faculdade de Saúde Pública da USP – 2003.

Como uma das atividades didáticas de tal curso, foi proposta a realização, pelos alunos, de uma pesquisa usando o DSC no bairro da Casa Verde, São Paulo, onde os alunos residiam.

Tal pesquisa foi realizada e seus resultados publicados em revista especializada (Lefevre et al., 2004). Reportam-se, aqui, apenas alguns resultados parciais:

Pesquisa: opinião da população da Casa Verde sobre violência contra a criança.

Pergunta: na sua opinião, o que leva um pai a espancar uma criança?

Categoria de resposta: álcool e drogas

Expressões-chave⁶ das respostas dos sujeitos

Sujeito 5 - ... ou se ele usar qualquer tipo de droga, mesmo sendo o alcoolismo.

Sujeito 9 - ... droga e álcool.

Sujeito 12 - ... O alcoolismo e as drogas fazem com que os pais se alteram dentro de casa...

Sujeito 14 - ... quando ele chega embriagado em casa ou até drogado.

Sujeito 19 - ... drogas, se for dependente delas.

Sujeito 20 - ...quando um pai tem problemas com a bebida e as drogas. Aí ele se torna uma pessoa agressiva, batendo no seu filho...

Sujeito 1 - O alcoolismo, a droga...

Sujeito 8 - ... pai ou uma mãe que utiliza bebidas alcoólicas ou drogas...

Sujeito 6 - ... uso de bebidas alcoólicas e, também, o uso de drogas...

Discurso do Sujeito Coletivo

É o alcoolismo, a droga.

Quando o pai ou uma mãe que utilizam ou são dependentes de bebidas alcoólicas ou drogas e chegam, em casa, embriagados ou até drogados, eles se alteram, tornando-se pessoas agressivas, batendo em seus filhos.

Observe-se que o DSC foi composto na primeira pessoa do singular, com as expressões-chave de depoimentos de sentido semelhante, provenientes de nove indivíduos distintos.

Essa pessoa coletiva está, aqui, falando como se fosse um indivíduo, isto é, como um sujeito de discurso “natural”, mas que está veiculando uma representação de vários indivíduos, o que permite a emergência, tanto qualitativa quanto quantitativa, de uma opinião coletiva: *qualitativa* porque se trata de um discurso com conteúdo ampliado e diversificado, e *quantitativa* na medida em que nove sujeitos contribuíram para a construção deste DSC.

Segundo exemplo

A pesquisa aqui reportada (Seragi et al., 2005) teve por objetivo analisar a representação atual de alguns aspectos da Vigilância Sanitária, pela população do município de Águas de Lindóia, com vistas a subsidiar processos de capacitação, formação e desenvolvimento de pessoal técnico, bem como para fornecer material para planos de comunicação e marketing destinados a aproximar o serviço da população.

A pesquisa foi realizada no Município de Águas de Lindóia.

Para a realização das entrevistas, foi utilizado um roteiro semi-estruturado. A amostra foi formada por sessenta usuários das três unidades de saúde do município, que são: Unidade Básica de Saúde Alexandre Gatoline, no bairro Casas Populares; Unidade Básica de Saúde Bela Vista, do Bairro Bela Vista, e Pronto Atendimento Municipal, no centro da cidade.

⁶ As “expressões-chave”, as “idéias centrais” e os “discursos do sujeito coletivo” são os principais operadores metodológicos do DSC. As primeiras são trechos literais dos depoimentos, que sinalizam os principais conteúdos das respostas; as segundas são fórmulas sintéticas, que nomeiam os sentidos de cada depoimento e de cada categoria de depoimento, e o terceiro, os signos compostos pelas categorias e pelo seu conteúdo, ou seja, as expressões-chave que apresentam idéias centrais semelhantes agrupadas numa categoria (ver Lefevre & Lefevre, 2005).

A amostragem foi feita escolhendo-se, ao acaso, um usuário com mais de 18 anos em cada unidade, por período de funcionamento (manhã e tarde), totalizando seis entrevistas por dia, durante dez dias. O usuário selecionado era abordado na sala de espera da unidade e indagado se gostaria de participar da pesquisa. No caso de resposta positiva, era conduzido a uma sala previamente reservada, onde o entrevistador informava sobre o mecanismo e a finalidade da pesquisa e iniciava o preenchimento do cadastro, anotando as informações dadas pelo entrevistado. No cadastro, os entrevistados foram nomeados seqüencialmente de ÁGUAS 01 até ÁGUAS 60. Em seguida, era procedida a leitura do Termo de Consentimento e solicitada a sua assinatura pelo entrevistado. Após o acionamento do gravador, o entrevistador iniciou nomeando a entrevista de acordo com o nome do cadastro (entrevista: ÁGUAS n), passando, a seguir, à primeira pergunta do questionário.

Reportaremos, aqui, apenas os resultados qualitativos e quantitativos da QUESTÃO: *Uma pessoa compra um alimento e percebe que está estragado. O que esta pessoa poderia fazer?*

Para esta questão, a síntese das idéias centrais foi a seguinte, juntamente com a proporção das respostas obtidas:

A	Reclamar junto ao fornecedor	20%
B	Devolver, trocar ou ser ressarcido pelo fornecedor	34,44%
C	Ligar e reclamar ao SAC do fornecedor	1,11%
D	Denúncia inespecífica	10%
E	Denúncia a instituições específicas (PROCON, VISA, Delegacias etc.)	24,44%
F	Descartar o produto, não comprar, inspecionar e fiscalizar pessoalmente	7,78%
G	Não ter medo de denunciar	1,11%
H	Idéia central excluída	1,11%

O **DSC B, Devolver, trocar ou ser ressarcido pelo fornecedor**, foi a idéia mais compartilhada entre os entrevistados em relação à questão, resultando neste discurso:

Eu acho que ele deveria voltar ao supermercado e devolver, porque é um abuso contra o consumidor vender coisa estragada, e a responsabilidade é da pessoa que está vendendo: você não vai consumir alimento estragado e nem perder o seu dinheiro.

O consumidor deve, então, procurar o dono deste comércio, ter um diálogo, entregar (o produto) e tentar entrar num acordo, pra que ele tome providência, pois a gente quer outro produto ou ser ressarcido pelo que pagou por ele.

Já aconteceu isso comigo, voltei ao mercado, reclamei e pedi outro alimento, porque eu paguei por isso. Como vou comprar uma coisa que está estragada? Troca, devolve e pega outro!

Conclusão

O DSC e a dupla representatividade

Assim sendo, pode-se colocar que a novidade que o DSC apresenta é a dupla representatividade – qualitativa e quantitativa – das opiniões coletivas que emergem da pesquisa: a representatividade é qualitativa porque na pesquisa com o DSC cada distinta opinião coletiva é apresentada sob a forma de um discurso, que recupera os distintos conteúdos e argumentos que conformam a dada opinião na escala social; mas a representatividade da opinião também é quantitativa porque tal discurso tem, ademais, uma expressão numérica (que indica quantos depoimentos, do total, foram necessários para compor cada DSC) e, portanto, confiabilidade estatística, considerando-se as sociedades como coletivos de indivíduos.

As camadas discursivas e a semiose infinita

Mas as representações sociais que o DSC expressa precisam ser observadas, na perspectiva da semiótica peirceana (Peirce, 1975), como camadas sucessivas de discursos vistos como signos interpretantes com base em uma entidade primária que poderíamos chamar de pensamento da coletividade.

Os Discursos do Sujeito Coletivo conformam um painel de representações sociais sob a forma de discursos que, enquanto pesquisas sociais empíricas, buscam, com base numa série de artifícios metodológicos, resgatar o pensamento coletivo de uma forma menos arbitrária (Bourdieu & Passeron, 1970) do que geralmente vem acontecendo nesta pesquisa empírica, seja nas quantitativas seja nas qualitativas.

Evidentemente, o DSC não pretende dar conta de representação social como semiose infinita, nem muito menos funcionar como “a palavra final” no que toca a essas representações ou a seus sentidos e significados: ele é apenas um signo interpretante (Peirce, 1975) que busca reconstruir as representações num determinado nível.

Os DSCs, portanto, **não são as representações sociais**, mas buscam apenas constituir uma **camada** delas; diretamente sobre essa camada outra camada pode ser agregada, constituída por um ou vários discursos ou formações discursivas ou ideologias (Verón, 1980) em ação nos DSCs.⁷

O problema reside na definição dos passos metodológicos que possam garantir rigor e padronização nos procedimentos para o adequado resgate dessa camada discursiva ou signo interpretante.

⁷ Devemos esta idéia dos “discursos nos discursos do DSCs” a um comentário de Inesita Araújo (outubro de 2005).

Referências

- AKIYAMA, R. **Análise comparativa da intervenção fonoaudiológica na surdez: com a família ou com os pais?** 2006. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências: Fisiopatologia Experimental, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BANCO DE DSCs. Disponível em: <www.ipdsc.com.br>. Acesso em: mai. 2006.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **La reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement**. Paris: Minit, 1970.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 17.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- JODELET, D. Representations sociales: un domaine en expansion. In: Jodelet, D. (Org.). **Répresentations sociales**. Paris, PUF, 1989. p.31-61.
- LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A.M.C. **Depoimentos e discursos**. Brasília: Liberlivro, 2005.
- LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: Educs, 2003. (Desdobramentos).
- LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C.; FERNANDES, E.; CAZZUNI, D. H.; MEDEIROS, I. Y.; OLIVEIRA, N. G. S. Uma experiência de formação de pesquisadores juniores: discursos do sujeito coletivo sobre a violência contra a criança. **Rev. Bras. Crescimento Desenvol. Hum.**, v.14, n.1, p.76-89, 2004.
- LEFEVRE, F.; PEREIRA, I. M. T. B.; LEFEVRE, A. M. C.; STEWEN, G. T. M.; OLIVEIRA, N. G. S.; SUTOM, A. P. C.; MEDEIROS, I. Y. Criança: fumante passivo sem opção. **Bol. Epidemiol. Paulista**, v.8, p.5, 2004.
- MEDINA, A.G. **Fórum de discussão na web e violência urbana: estudo de caso por meio da análise do Discurso do Sujeito Coletivo**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1975.
- RIVERA, F.J. U.; ARTMAN, E.; FREITAS, C. M. **Relatório cenário da pós-graduação strictu sensu**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, 2005.
- SOFTWARE QUALIQUANTISOFT. Disponível em: <www.spi-net.com.br>. Acesso em: out. 2005.
- VALVERDE, M. A. **Cognições e atitudes de mulheres com excesso de peso e obesas: alimentação de controle de peso**. 2006. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Nutrição Humana Aplicada, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- VERÓN, E. **A produção do sentido**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1980.

ESPAÇO ABERTO

Discute-se aqui o Discurso do Sujeito Coletivo como proposta qualiquantitativa para as pesquisas de opinião ou representação social. Propõe-se a apresentação, nas pesquisas, da opinião coletiva como uma variável empírica de natureza qualitativa e quantitativa capaz, pela interposição de um sujeito de discurso ao mesmo tempo individual e coletivo, de se exprimir, diretamente, sem a mediação do metadiscurso do pesquisador e sem a transmutação da opinião em variável quantitativa, com prejuízo de sua natureza essencialmente discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: discurso do sujeito coletivo. metodologia. pesquisa qualitativa. representação social.

The collective subject that speaks

This paper discusses the Discourse of the Collective Subject as a qualitative-quantitative proposal for opinion polling or social representation research. It proposes that research use the collective opinion as a empirical variable of qualitative and quantitative nature that may, by the interposition of specific discourse subject, to express itself directly without the mediation of researchers meta discourse and avoiding to transform the opinion in a quantitative variable.

KEY WORDS: discourse of the collective subject. methodology. qualitative research. social representations.

El sujeto colectivo que habla

Se discute aquí el Discurso del Sujeto Colectivo como propuesta cualicuantitativa para las investigaciones de opinión o representación social. Se propone la presentación en las investigaciones de la opinión colectiva como una variable empírica de naturaleza cualitativa y cuantitativa capaz, por la interposición de un sujeto de discurso al mismo tiempo individual y colectivo, de expresarse, directamente, sin la mediación del metadiscurso del investigador y sin la transmutación de la opinión en variable cuantitativa, con perjuicio de su naturaleza esencialmente discursiva.

PALABRAS CLAVE: discurso del sujeto colectivo. metodología. investigación cualitativa. representación social.

Recebido em 25/10/05. Aprovado em 28/05/06.